

REVISTA  
**FILOSÓFICA**  
DE  
COIMBRA

vol. 21 - número 42 - outubro 2012

vol. 21 - número 42 - outubro 2012

Fundação Eng. António de Almeida



“METAFÍSICA, EPISTEMOLOGIA E PSICOLOGIA NO ‘DE ANIMA’ DOS CONIMBRICENSES (1598)”  
COLÓQUIO INTERNACIONAL

Nos dias 20 e 21 de Outubro de 2011 teve lugar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto um pioneiro e interessante Colóquio Internacional subordinado ao tema “Metafísica, Epistemologia e Psicologia no ‘De Anima’ dos Conimbricenses (1598)”. Contando com a presença inabitual de muitos jovens estudantes, pontificando sobremaneira os da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), estiveram reunidos dez estudiosos a apresentar as suas teses, algumas suscitando grande vivacidade, discutidas com entusiasmo filosófico e abertas a um imenso futuro de investigação que ainda falta fazer. Embora contando com o apoio do nosso antigo Projecto LIF, “Curso Conimbricense e Verney” (FLUC), a iniciativa ficou a dever-se sobretudo à sempre entusiasta acção do Prof. José Meirinhos e da Dra. Maria da Conceição Camps, respectivamente o Coordenador do Projecto “Aristotelica Portugalensia” e um dos membros do activo Gabinete de Filosofia Medieval, sobretudo conhecida pela notável tradução portuguesa do ‘De Anima’. Na verdade, deve dizer-se que a publicação deste imenso labor de tradução – antes dele só Banha de Andrade tivera a coragem de verter a *Ethica* – é que esteve na origem de tão excelente fórum, como sempre devidamente apoiado pela FCT, e pelas linhas que se seguem compreender-se-á a merecida importância que na FLUP se conferiu ao labor da tradutora. O leitor interessado poderá ter acesso às mais de quatrocentas páginas do texto português pela primeira vez integralmente traduzido para uma língua viva europeia nas Edições Sílabo: *Comentários do Colégio Conimbricense da Companhia de Jesus Sobre os Três Livros Da Alma de Aristóteles Estagirita*. Tradução do original latino por Maria da Conceição Camps, Lisboa: Edições Sílabo, 2010.

Após as costumadas palavras de saudação da Directora da FLUP, Angel Poncela (Universidad de Salamanca) iniciou as aguardadas sessões com uma palestra subordinada ao tema “Presencia de las teorías Avicennistas y Averroístas en el ‘De Anima’ de Suárez y en el Comentario de

los Conimbricenses”, seguida de mais duas intervenções, a de José Filipe Silva (Helsinki Collegium for Advanced Studies), sobre “Metafísica da percepção sensível no ‘De Anima’ dos Conimbricenses”, e a de José Meirinhos (Universidade do Porto), “Sentido comum e imaginação: significado e consequências de um regresso a Aristóteles sobre os sentidos internos (Comentário, III, cap. 3)”. O primeiro dia terminou com as presenças de Manuel Lázaro Pulido (Universidade do Porto), “Variaciones sobre el alma en el siglo XVI: los Conimbricenses versus el misticismo del franciscano Juan de los Ángeles (1536-1609)”; de José Maria da Costa Macedo (Universidade do Porto), “Actividade do intelecto e realismo cognitivo”; e de Gonçalo Figueiredo (Universidade do Porto), “Escoto e a nobreza da vontade no Comentário dos Conimbricenses sobre o Da Alma”. As quatro últimas comunicações, no segundo dia do Colóquio, foram da autoria de (pela sua ordem de apresentação): José Luís Fuertes Herreros (Universidad de Salamanca), “Memoria y arte de la memoria en la Escolástica del Barroco durante la Unión Ibérica: de la Universidad de Coimbra y su Cursus (1592-1606) al entorno de la Universidad Complutense (1659)”; Maria da Conceição Camps (Universidade do Porto), “A tipologia das Cores no Curso jesuíta Conimbricense e em Francisco Suárez”; Paula Oliveira e Silva (Universidade do Porto), “A origem das almas intelectuais (Comentário, II, qq. 3-5)”; e Mário Santiago de Carvalho (Universidade de Coimbra), “Da Metafísica do conhecimento à separação do conhecimento”.

Como se depreende com facilidade da lista de todas as comunicações apresentadas papel preponderante foi dado ao tema do conhecimento, focado sob várias e inéditas perspectivas, algumas mesmo absolutamente inesperadas. Sentidos, percepção, intelecto, pensamento e separação intelectual, eis alguns dos pontos mais relevantes da “epistemologia” tal como o Colóquio a enunciou, acrescidos dos temas da vontade, da história da filosofia, da mística e da memória. Sendo certo que apenas dois autores, o signatário e o Prof. J.L. Herreros, escaparam ao exame mais estrito do ‘De Anima’ – o primeiro, interessando-se pelo apêndice ao ‘De Anima’ *Tractatus de Anima Separata*, o segundo tendo-se ocupado com o voluminho sobre a *Memória* editado nos *Parva Naturalia* – os restantes oito conferencistas sopesaram e reflectiram sobre alguma da riqueza que o texto editado em 1598 pode ainda nos trazer. Em primeiro lugar pelo lado dos diálogos histórico-filosóficos, onde se salientaram as autoridades de Avicena e de Averróis (Poncela, Macedo), ou de João Duns Escoto (Figueiredo), tal como o confronto com Suárez (Poncela, Camps, Carvalho), ou os diálogos com a tradição madrilena (Fuertes) e mística franciscana (Lázaro), ao mesmo tempo que se entreviram mais ou menos inesperadas produtividades, como as relativas a Goethe (Camps), a Descartes (Carva-

lho), ou a Juan Baños de Velasco y Acevedo (Fuertes), este último decerto a maior e absoluta originalidade do Colóquio, pois foi-nos revelado que no seu *El Fénix de Minerva y arte de memoria* (Madrid 1626) Velasco y Acevedo traduz para o seu idioma o voluminho jesuíta conimbricense acima referido. Ficámos assim a saber que os textos do nosso Curso não foram apenas «traduzidos» para mandarim, mas talvez logo para o castelhano! Voltaremos ainda aqui. Em segundo lugar, e continuamos a referir-nos à riqueza que a leitura, no caso do título ‘De Anima’ pode suscitar, no tocante a precisar-se todo o horizonte da cognição e seus problemas, desde os do universo sensível (F. Silva, Camps) ao intelectual ou intelectualivo (Macedo), e mesmo místico (Lázaro), passando pela imaginação (Meirinhos). Por fim, às implicações humanas e metafísicas da psicologia jesuíta conimbricense, seja no sector da vontade (Figueiredo), seja no da embriogénese (O. Silva), seja no do pensamento (Macedo), seja ainda no respeitante aos tipos de conhecimento não-sensível (Lázaro, Carvalho).

Uma obra tão vasta e rica de sugestões, problema e perplexidades não podia ficar integralmente tratada em dois dias de Colóquio, ainda por cima sendo tão recente a sua tradução portuguesa na base de encontro assaz festivo. Também numa breve notícia não saberíamos mostrar ao leitor curioso a totalidade dos temas, e sobretudo a vivacidade intelectual que por vezes perpassava nas discussões. Concluiríamos, por isso, enumerando aquelas que, a nosso ver, foram as principais descobertas, aquisições, mas também fragilidades deste histórico Colóquio. Começemos por estas últimas, testemunhando a talvez excessiva dependência do texto traduzido, por parte dos conferencistas, e sobretudo a fixação em textos mais reduzidos o que teve como efeito talvez um ganho na análise, mas uma perda do horizonte interpretativo. Sobre as descobertas já algo dissemos acima. O Prof. J.L. Fuertes trouxe-nos não só uma descoberta absoluta, já evocada, como, ao situar o nosso Curso, no quadro mais vasto, primeiro da hegemonia dominicana salmanticense (1591) e, depois, da substituição do tomismo pelo “entorno” madrileno complutense e conimbricense/madrileno – de “unión ibérica” se falou – pôde destacar o relevo deste último movimento no quadro alternativo daquela modernidade que contribuiu para uma mudança na concepção da existência (liberdade/autonomia) do Homem. Foi por isso também que Manuel Lázaro decidiu confrontar o pensamento escolar com a sua própria superação num tipo de conhecimento que, se não produziu um modelo moderno, foi neste devidamente implicado, chegando por isso a evocar o estilo meditativo de Descartes, ou nas palavras de Fuertes, do relevo da “arte da memória”. Alternativamente, mas também sem chegar ao extremo de ver qualquer dependência directa entre Coimbra e Descartes, Carvalho procurou mostrar como o tema teológico da metafísica do conhecimento pôde acelerar uma das

facetas da epistemologia cartesiana, a respeitante ao pensamento claro e distinto indutor da própria separação cognitiva. Já que abordamos esta relação histórica prospectiva – o caso mais frisante foi o do confronto (não influência, evidentemente) do *De anima* II 7 com *Zur Farbenlehre* de Goethe, por M<sup>a</sup> Camps – não podemos deixar a menção sobre aquela que nos pareceu ser a aquisição consensual talvez mais relevante destes dois dias. Referimo-nos ao facto de, em se tratando de um Comentário a Aristóteles, quase todos os intervenientes terem sublinhado devidamente a importância do neoplatonismo/augustinismo. Avaliar com rigor estas como outras dimensões é uma tarefa talvez para um próximo Colóquio, quiçá se então feito sob a égide do surgimento de mais uma nova tradução de outro título do Curso Jesuíta Conimbricense (1592-1606)<sup>1</sup>.

Mário Santiago de Carvalho

---

<sup>1</sup> Depois de escrita esta Notícia, tivemos conhecimento de duas iniciativas editoriais que vale a pena assinalar devidamente: Roberto Hofmeister Pich et al. (eds.), *Ideas sin fronteras en los limites de las ideas. Scholastica Colonialis: Status quaestionis*, Cáceres 2012; a tradução com introdução da autoria de Amândio A. Coxito de *Curso Conimbricense. Os Sinais*, Coimbra 2011.